



INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS

EMANUELLE AUGUSTA DA SILVA SANTOS

MINHA VIDA DE PROFESSORA: UM JEITO DE OLHAR A EDUCAÇÃO

Maceió

2025

EMANUELLE AUGUSTA DA SILVA SANTOS

MINHA VIDA DE PROFESSORA: UM JEITO DE OLHAR A EDUCAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras-Português/Campus Maceió/Ifal como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Letras-Português.

Orientadora: Prof.^a Dra. Willianice Soares Maia

Coorientador: Prof. Dr. Reinaldo Batista dos Santos

Maceió

2025

Emanuelle Augusta da Silva Santos

**MINHA VIDA DE PROFESSORA: UM JEITO DE OLHAR A
EDUCAÇÃO**

Trabalho de conclusão apresentado ao
Curso Licenciatura em Letras-Português
do Instituto Federal de Alagoas, campus
Maceió, como Trabalho de Conclusão do
Curso (TCC).

Orientador(a): Prof.^a Dr^a Willianice Soares
Maia

Aprovado em 30 de outubro de 2025.

Orientador (a):



Documento assinado digitalmente
WILLIANICE SOARES MAIA
Data: 14/11/2025 10:09:06-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr^a Willianice Soares Maia.
Instituto Federal de Alagoas

Banca examinadora:



Documento assinado digitalmente
REINALDO BATISTA DOS SANTOS
Data: 31/10/2025 18:58:14-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Reinaldo Batista dos Santos

Coorientador



Documento assinado digitalmente
CARLA CAROLINA DA SILVA MALTA
Data: 31/10/2025 16:52:02-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Ma. Carla Carolina da Silva Malta
Instituto Federal de Alagoas



Documento assinado digitalmente
HUDSON KLEBER PALMEIRA CANUTO
Data: 31/10/2025 16:40:52-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Me. Hudson Kleber Palmeira Canuto
Instituto Federal de Alagoas

MACEIÓ, AL

2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, minha fonte de sabedoria, que me guia em todos os momentos.

Aos meus pais, por terem formado quem eu sou hoje, e acreditaram no meu potencial, me aconselhando e ajudando na construção do meu futuro como profissional, sempre com palavras de fortalecimento.

A todos os meus professores, que me ajudaram e colaboraram, além de serem fontes de inspiração nessa trajetória que é a docência.

Aos meus colegas, pois eles foram fundamentais nessa caminhada, em cada aula, cada trabalho e principalmente foram fonte de força, resistência e resiliência.

Aos meus avós, que não estão mais presentes, mas deixaram legados que eu levarei sempre adiante. Eles foram o meu vigor mesmo não estando aqui, fazem parte da minha história e são carregados dentro do meu coração.

Agradeço à minha orientadora por toda troca de conhecimento, dedicação e amizade.

Agradeço ao meu coorientador pela paciência e por toda disponibilidade para colaborar com esse relato.

Agradeço ao Instituto Federal de Alagoas (Ifal) por me proporcionar o curso, além de várias experiências incomensuráveis e por ter me dado a oportunidade de viver cada etapa dele.

Resumo: Este trabalho apresenta uma reflexão narrativa sobre o processo formativo e profissional da minha atuação como professora de Língua Portuguesa e da minha formação inicial. O relato busca compreender os desafios e aprendizagens da docência a partir de uma perspectiva humana, crítica e esperançosa, inspirada nas ideias de Paulo Freire, Jorge Larrosa, Mikhail Bakhtin, Boaventura de Sousa Santos e Maurice Tardif. Adotando uma abordagem qualitativa, fundamentada na escrita de si, articulo minhas experiências pessoais com uma análise documental do Projeto Pedagógico do Curso de Letras-Português do IFAL (2014) e com uma revisão bibliográfica sobre formação docente e prática educativa. O estudo evidencia que ser professora é mais do que exercer uma profissão: é vivenciar um modo de existir atravessado por diálogo, amor e resistência. As vivências no Instituto Federal de Alagoas (IFAL) e na prática docente revelam os desafios enfrentados desde a desvalorização e o cansaço até as barreiras estruturais, mas também as potências da sala de aula como espaço de encontro, acolhimento e transformação. A pesquisa destaca a importância do diálogo, da escuta ativa e do planejamento pedagógico como instrumentos de construção de uma aprendizagem significativa e libertadora. Nas considerações finais, concluí que a docência é um processo contínuo de autoconhecimento e reinvenção, marcado pelo compromisso ético e pela esperança. Ensinar, nesse sentido, é um ato político que possibilita ao professor e ao aluno crescerem juntos, transformando o mundo pela palavra e pela experiência. Assim, “ser professora” é resistir, esperar e reafirmar diariamente a fé no poder transformador da educação.

Palavras-chave: Docência; Formação de Professores; Educação transformadora.

Abstract: This work presents a narrative reflection on the formative and professional process of my work as a Portuguese Language teacher and my initial training. The account seeks to understand the challenges and learning experiences of teaching from a human, critical, and hopeful perspective, inspired by the ideas of Paulo Freire, Jorge Larrosa, Mikhail Bakhtin, Boaventura de Sousa Santos, and Maurice Tardif. Adopting a qualitative approach, based on self-writing, I articulate my personal experiences with a documentary analysis of the Pedagogical Project of the Portuguese Language and Literature Course at IFAL (2014) and with a bibliographic review on teacher training and educational practice. The study shows that being a teacher is more than exercising a profession: it is experiencing a way of existing traversed by dialogue, love, and resistance. Experiences at the Federal Institute of Alagoas (IFAL) and in teaching practice reveal the challenges faced, from devaluation and exhaustion to structural barriers, but also the potential of the classroom as a space for encounter, welcoming, and transformation. The research highlights the importance of dialogue, active listening, and pedagogical planning as instruments for building meaningful and liberating learning. In the final considerations, I concluded that teaching is a continuous process of self-knowledge and reinvention, marked by ethical commitment and hope. Teaching, in this sense, is a political act that allows teachers and students to grow together, transforming the world through words and experience. Thus, "being a teacher" is to resist, to hope, and to reaffirm daily faith in the transformative power of education.

Keywords: Teaching; Teacher Training; Transformative Education.

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.”

— *Paulo Freire*

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	8
2.	TRAJETÓRIA METODOLÓGICA: DE ONDE FALO?.....	10
3.	ENTRE A EXPERIÊNCIA E A PALAVRA: MINHA TRAJETÓRIA FORMATIVA NO IFAL.....	12
4.	A VIDA COMO NARRATIVA FORMADORA: ENTRE EXPERIÊNCIA, DIÁLOGO E RESISTÊNCIA.....	18
5.	O ENSINAR E APRENDER: PERCEPÇÕES DA MINHA ATUAÇÃO DOCENTE.....	20
6.	DESAFIOS E APRENDIZADOS NA DOCÊNCIA: É PRECISO ESPERANÇAR.....	24
7.	UM OLHAR PARA A VIDA E A EDUCAÇÃO: ENTRE EXPERIÊNCIA E ESPERANÇA.....	26
8.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
9.	REFERÊNCIAS.....	31

1. INTRODUÇÃO

A educação é, para mim, o alicerce de todas as áreas do conhecimento. É por meio dela que diferentes profissões e saberes se entrelaçam, formando pontes que unem pessoas, histórias e projetos de vida. Dentro desse vasto universo, a Língua Portuguesa ocupa um lugar especial, pois é pela linguagem que nos constituímos como sujeitos e expressamos nossa visão de mundo. No entanto, ser educador e, sobretudo, professor de Língua Portuguesa é enfrentar desafios que vão além dos conteúdos e das metodologias: é lidar com a desvalorização, com a falta de reconhecimento e com as complexidades humanas que atravessam a sala de aula.

Ao longo da história, a educação tem acompanhado o desenvolvimento da humanidade, desde as primeiras formas de transmissão de saber na pré-história até os sistemas formais de ensino na Grécia, em Roma e nas sociedades modernas e contemporâneas. Essa longa trajetória revela que o ato de ensinar sempre esteve vinculado à transformação social, cultural e política, e que o papel do educador foi se modificando conforme os tempos e as necessidades da sociedade.

A vida de quem escolhe a educação, muitas vezes, não é tão simples, pois além da desvalorização que um educador, em muitas situações, sofre, em muitos casos, é difícil, principalmente para os professores de Língua Portuguesa, transpor a realidade da sala de aula, pois, como o professor, em muitas situações, não é respeitado, isso cria uma relação extremamente complicada. O reflexo que isso obtém na vida do aluno e conseqüentemente na vida do professor é grande, pois, muitas vezes o desinteresse aparece, além disso, existem realidades que podem ser mudadas com a Língua Portuguesa, pois seu currículo é vasto, mas existem realidades em que os alunos acreditam que não são seu mundo real.

Entendo que ensinar não é simplesmente transferir conhecimento, mas criar condições para que o outro produza seu próprio saber. Essa concepção, inspirada em autores como Paulo Freire (1996), reforça que a docência deve possibilitar ao aluno trilhar seus caminhos de aprendizagem, compreendendo o mundo e a si mesmo a partir de uma postura crítica e autônoma.

Assim, o ensino precisa ser mais do que transmissão: ele deve ser partilha, diálogo e construção coletiva. Na prática pedagógica, reconheço a importância do planejamento como ferramenta essencial. Planejar é um ato de responsabilidade e de amor, pois significa pensar no aluno e nas formas de favorecer sua evolução. É também um exercício de escuta, de observação e de adaptação às realidades que atravessam o cotidiano escolar. Vale ressaltar, que planejar é uma oportunidade de chegar ao que se almeja nas aulas, é permitir não só a organização, mas levar e elevar o planejamento como algo fundamental para cada educador.

Portanto, como proposto no PPC de Letras do Instituto Federal de Alagoas, do ano de 2014, o projeto não pretende só visar os próprios ideais, mas ideais que comportem todos, assim como está escrito nos objetivos: compreender os princípios da sociedade democrática, ante as diversidades étnicas, sociais e culturais. (PPC, 2014, p.10).

Durante minha formação no Curso de Licenciatura em Letras-Português do Instituto Federal de Alagoas (IFAL), compreendi que o papel da educação vai muito além da técnica: ela é espaço de convivência, diversidade e transformação. O Projeto Pedagógico do Curso (PPC, 2014) ressalta que a formação docente deve promover a compreensão dos princípios de uma sociedade democrática, respeitando as diferenças étnicas, sociais e culturais. É nesse contexto que me formei e aprendi a olhar à docência como um compromisso ético e humano.

Dessa forma, este trabalho tem como objetivo compreender e analisar meus desafios e aqueles enfrentados por colegas professores de Língua Portuguesa, refletindo sobre a relação entre professor e aluno a partir da minha própria trajetória pessoal, formativa e das vivências no contexto escolar.

Busca-se, também, discutir como o processo de ensino-aprendizagem pode se tornar mais significativo quando sustentado pelo diálogo, pelo afeto e pela valorização da experiência. Assim, questionamos: como o professor pode continuar *esperançando*, mesmo quando a realidade educacional parece tão adversa?

Para alcançar esses propósitos, realizo uma reflexão teórica e autobiográfica, fundamentada em autores que discutem a docência, a formação de professores e os sentidos da educação.

Apoio-me em Paulo Freire (1996), ao compreender que ensinar é um ato de amor e de liberdade; em Jorge Larrosa (2002), que vê a experiência como aquilo que nos acontece e nos transforma; em Mikhail Bakhtin (1997), que defende o diálogo como base da constituição humana e da prática educativa; em Boaventura de Sousa Santos (2010), que valoriza os saberes nascidos das margens e das resistências; e em Maurice Tardif (2002), que reconhece os saberes docentes como construções vivas, elaboradas no cotidiano da escola. O olhar aqui proposto é o de uma professora em formação que, a partir de suas vivências e estudos, reconhece a complexidade e a beleza do ato de ensinar um ato que é, ao mesmo tempo, humano, político e transformador.

O trabalho possui seis seções e nelas estão presentes a minha trajetória, a luta dos professores e muito do que abrange a educação, que é a área basilar da formação de conhecimento.

2. TRAJETÓRIA METODOLÓGICA: DE ONDE FALO?

Nesta seção, falo tanto das minhas memórias na trajetória metodológica, através do meu relato de experiência e de tudo que o processo acadêmico pôde me oferecer, além de ter a oportunidade de refletir acerca da docência, ou seja, de como ela traz aprendizados e de como toda luta pela resistência fez parte da minha realidade.

Este trabalho fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, de natureza experienciada, apoiada no relato de experiência.

A proposta nasce do desejo de compreender o processo formativo vivido durante a graduação em Letras-Português no Instituto Federal de Alagoas (Ifal), a partir de experiências, memórias e reflexões sobre o ser professora.

A metodologia adotada se ancora na escrita de si, compreendida como um exercício de formação e de autoconhecimento. O relato é aqui entendido, como uma forma legítima de produção de saber, pois, ao narrar a própria trajetória, eu me reconheço como sujeito e objeto do processo educativo. Essa escrita, atravessada por dimensões afetivas, sociais e epistemológicas, revela a docência como um caminho humano e histórico.

Também foi realizada uma análise documental do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Letras-Português do Ifal (2014), buscando compreender como o curso estrutura e orienta a formação docente.

Essa leitura foi articulada à minha vivência, valorizando os percursos formativos, os desafios enfrentados e os aprendizados construídos nas interações com professores, colegas e disciplinas.

A narrativa incorpora ainda uma revisão bibliográfica, sustentada em autores que dialogam com a dimensão humana da docência, como: Paulo Freire (1996; 2019), Jorge Larrosa (2002), Mikhail Bakhtin (2003), Boaventura de Sousa Santos (2010) e Maurice Tardif (2002). Esses referenciais teóricos ajudam a compreender a formação docente como um processo dialógico e transformador.

Assim, este percurso metodológico é mais que um caminho técnico: é uma travessia pessoal e formativa. A narrativa não busca dados, mas sentidos; não procura resultados, mas compreensões. Escrever sobre a própria formação é, aqui, um gesto de resistência, afeto e reconhecimento do valor da educação como experiência de vida.

Relatar acerca da minha formação, de todos os momentos que passei, todo tempo que vivi dentro da sala de aula durante meu período de ensino, tanto na escola, quanto na faculdade não é só desafiante, é encorajador e resiliente, pois se encontrar em meio a tantas dificuldades no meio educacional, muitas vezes, leva o profissional a desanimar, mas resiliência é levantar a cabeça, fazer o que lutou para fazer e ser forte, por si e por todos os alunos, que são aprendizes.

Assim, descrever minha experiência de vida com a educação, não só mostra minha admiração por educar, mas a certeza de que educação tem significado de força e persistência, afinal de contas, professores são seres humanos e batalhadores, que lutam contra muitas adversidades e têm êxito com os alunos e em sua vida profissional.

O trabalho se divide em seis seções, cada uma com um subtema diferente que vai não só debater mais servir como solução para algumas perguntas que permeiam a educação, além de suas fases boas e difíceis.

3. ENTRE A EXPERIÊNCIA E A PALAVRA: MINHA TRAJETÓRIA FORMATIVA INICIAL NO IFAL

Nesta seção, apresento a história da minha instituição acadêmica, que é o Instituto Federal de Alagoas (Ifal), minhas experiências como graduanda, além de um relato acerca do meu curso, que é Letras-Português como o que ele me ofereceu, além de relatar as dificuldades apresentadas durante a graduação, e falo também sobre o que o relato me trouxe. Apresento também a grade do meu curso e relato acerca de alguns componentes e como eles puderam mudar minha vida acadêmica.

A história do Campus Maceió teve início em 23 de setembro de 1909, com a criação de dezenove Escolas de Aprendizes e Artífices, através do Decreto Nº 7.566, assinado pelo Presidente da República Nilo Peçanha. Assim, começava a Rede Federal de Ensino Profissionalizante no Brasil, em diferentes unidades federativas, inclusive Alagoas, onde a inauguração da escola ocorreu em janeiro de 1910, em um prédio da Rua Boa Vista, no Centro de Maceió. No ano de 1937, instalada, então, no prédio onde hoje funciona o Espaço Cultural da Ufal, a Escola de Aprendizes e Artífices passou a ser chamada de Liceu de Artes e Ofícios.

Na sequência, transformou-se na Escola Industrial de Maceió e, depois, na Escola Industrial Deodoro da Fonseca. A transformação em Escola Técnica Federal de Alagoas (ETFAL) aconteceu em 1968, já na sua sede definitiva: esquina da Rua Mizael Domingues com a Rua Barão de Atalaia, Centro.

A partir do dia 22 de março de 1999 foi implantado o Centro Federal de Educação Tecnológica de Alagoas (CEFET-AL), substituindo a ETFAL, e passando a ofertar alguns Cursos Superiores Tecnológicos. Finalmente, através da Lei nº 11.892/08, de 29 de dezembro de 2008, sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, foram criados 38 Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IF), entre eles o Instituto Federal de Alagoas (Ifal), cuja Reitoria está instalada em Maceió, na Rua Odilon Vasconcelos, 103 (esquina com a Av. Júlio Marques Luz), Jatiúca. O prédio da rua Barão de Atalaia passou a ser denominado: Campus Maceió, o maior e mais tradicional campus do Instituto em Alagoas.

Iniciei a graduação no Instituto Federal de Alagoas no primeiro semestre de 2018 e ter a experiência com a formação acadêmica inicial em Letras-Português no instituto foi marcante desde o início até aqui, os percursos foram muitos, mas a área mais desafiante foi a de muitos estudantes: lutar pela graduação estudando dentro de um transporte público intermunicipal, pois essa foi a minha realidade, por morar no interior e diariamente enfrentar uma viagem intermunicipal, ainda que em um transporte da prefeitura. Como afirma Vygotsky (1991, p. 90), “o aprendizado desperta uma variedade de processos internos de desenvolvimento que só ocorreriam mais tarde na vida se a criança estivesse sozinha”, mostrando que a interação com o contexto e com outros é essencial.

Uma das oportunidades que o Instituto Federal de Alagoas (IFAL) me forneceu foi a de aumentar meu conhecimento e descobrir coisas que antes eu não entendia, pude crescer, não só como estudante, mas como pessoa.

Os componentes mais atrativos eram todas as aulas, pois pude, não só observar, mas aprender e desfrutar do aprendizado, em todos os semestres que fiz até aqui, pude absorver cada disciplina. Ademais, é plausível entender que a instituição me oferece mais do que procurei e tive em vista que é possível dizer, com todas as forças, que a educação existe e resiste, que para se tornar professor, é preciso primeiro passar pelo processo, mas um processo que vale a pena, Freire (1996, p. 29) reforça: “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Estou ciente de que o percurso que o curso de Letras-Português proporciona é raro, e de que vale a pena lutar pela docência e insistir em ser professor, além disso, um ser disposto a pensar no outro, que vai agir profissionalmente, mas que sempre vai lembrar que é ser humano antes de qualquer coisa.

Com isso, entendendo do que se trata a educação e que um dos meios de descoberta foi a faculdade, estou certa do que quero e como irei lidar com a docência, e que ela docência é um caminho honroso a seguir, e que é um caminho longo, de lutas, mas de muitas vitórias e memórias.

Olho para as aulas que tive e tenho, e percebo que é grata a estada no Instituto Federal de Alagoas (Ifal), aprendendo com cada professor e que não me arrependo de ter escolhido esse curso, porque o que aprendi vale para a maneira de como agir com os discentes e traz muita bagagem para o meu aprendizado.

A desvalorização é algo que ocorre diariamente na vida de um docente, mas a forma de se levantar, se reerguer a cada dia, mostra o quanto cada um é resiliente, e é nessa realidade que eu me baseio, e não quero parar de aprender, pois o conhecimento é uma chave que abre portas.

Iniciar a jornada acadêmica em Letras-Português no Instituto Federal de Alagoas (Ifal) é encontrar um caminho e construir uma trajetória que, muitas vezes, outros discentes não têm oportunidade, talvez um caminho nunca percorrido antes, mas que ajuda no discernimento do futuro. Cada período e disciplina levam um aprendizado extenso para a vida de cada discente, mediante à elas e à grade curricular do curso, que vem de 2014.

Nas disciplinas inclusas na grade curricular de Letras-Português do Instituto Federal de Alagoas (Ifal) estão presentes:

Disciplinas	h/a semanal	h/a semestral	horas relógio
1º PERÍODO			
1. Leitura e Produção de Textos	04	80	66,7
2. Fundamentos da Linguística I	03	60	50,0
3. Teoria da Literatura I	03	60	50,0
4. Latim na Formação da Língua Portuguesa I	03	60	50,0
5. Metodologia Científica	02	40	33,3
6. Docência na Educação Básica	02	40	33,3
7. Educação, Comunicação e Tecnologias	02	40	33,3
Subtotal da carga horária	19	380	316,7
Disciplinas	h/a semanal	h/a semestral	horas relógio

2º PERÍODO			
1. Fundamentos da Linguística II	03	60	50,0
2. Teoria da Literatura II	03	60	50,0
3. Literatura de Língua Portuguesa	04	80	66,7
4. Latim na Formação da Língua Portuguesa II	03	60	50,0
5. Política e Organização da Educação Básica no Brasil	04	80	66,7
6. Projetos Integradores I	06	120	100,0
Subtotal da carga horária	23	460	383,3

Disciplinas	h/a semanal	h/a semestral	horas relógio
3º PERÍODO			
1. Literatura Brasileira I	03	60	50,0
2. Fonética e Fonologia	04	80	66,7
3. Sociologia da Educação	03	60	50,0
4. Desenvolvimento e Aprendizagem	03	60	50,0
5. Filosofia da Educação	03	60	50,0
6. Projetos Integradores II	06	120	100,0
Subtotal da carga horária	22	440	366,7

Disciplinas	h/a semanal	h/a semestral	horas relógio
4º PERÍODO			
1. Literatura Brasileira II	03	60	50,0
2. Morfologia	04	80	66,7
3. Antropologia Cultural	02	40	33,3
4. Didática Geral	03	60	50,0
5. História da Educação	02	40	33,3
6. Projetos Integradores III	06	120	100,0
Subtotal da carga horária	20	400	333,3

Disciplinas	h/a semanal	h/a semestral	horas relógio
5º PERÍODO			
1. Literatura Brasileira III	03	60	50,0
2. Sintaxe	04	80	66,7
3. Sociolinguística	03	60	50,0
4. Organização e Gestão Escolar	03	60	50,0
5. Projetos Integradores IV	06	120	100,0
6. Estágio Curricular Supervisionado I	06	120	100,0
Subtotal da carga horária	25	500	416,7
Disciplinas	h/a semanal	h/a semestral	horas relógio
6º PERÍODO			
1. Literatura Brasileira IV	03	60	50,0
2. Semântica	03	60	50,0
3. Linguística Aplicada	03	60	50,0
4. Planejamento Educacional e Avaliação da Aprendizagem	03	60	50,0
5. Currículo	02	40	33,3
6. Estágio Curricular Supervisionado II	06	120	100,0
Subtotal da carga horária	20	400	333,3
Disciplinas	h/a semanal	h/a semestral	horas relógio
7º PERÍODO			
1. Literatura Infante-Juvenil	02	40	33,3
2. Pragmática	03	60	50,0
3. Linguística Textual	03	60	50,0
4. Pesquisa Educacional	02	40	33,3
5. Disciplina Eletiva	03	60	50,0
6. Orientação de TCC I	03	60	50,0
7. Estágio Curricular Supervisionado III	06	120	100,0
Subtotal da carga horária	22	440	366,7
Disciplinas	h/a semanal	h/a semestral	horas relógio
8º PERÍODO			
1. Literatura Alagoana	02	40	33,3
2. Estilística	02	40	33,3
3. Análise do Discurso	03	60	50,0
4. Disciplina Eletiva	03	60	50,0
5. LIBRAS	03	60	50,0
6. Orientação de TCC II	03	60	50,0
7. Estágio Curricular Supervisionado IV	06	120	100,0
Subtotal da carga horária	22	440	366,6
Atividades Acadêmico-Científico-Culturais	----	200	200
Total da carga horária		3.660	3.083,3
Disciplinas	h/a Semanal	h/a Semestral	Horas Relógio
Inglês para Fins Específicos	03	60	50,0
Espanhol para Fins Específicos	03	60	50,0
Elementos da Semiótica	03	60	50,0
Mídias e Tecnologia no Ensino	03	60	50,0

Fonte: PPC Letras-Maceió, 2014.

Dentre as disciplinas presentes, pude me interessar por todas, pois todas englobam o conjunto do curso, todavia as com que mais me identifiquei foram Leitura e Produção de Textos, Fundamentos da Linguística I, Fundamentos da Linguística II, Fonética e Fonologia, e Análise do Discurso.

No início do curso, no primeiro período, me deparei com a disciplina de Leitura e Produção de Textos e pude ver várias formas de uso da linguagem, produzir diversas opções trabalhadas em sala, e com isso, fui evoluindo cada vez mais na disciplina e aprendendo, absorvendo, e encontrando mais conteúdo e mais ensino, o que só cooperou para que eu aprimorasse meus hábitos de leitura e minhas produções textuais.

Em Fundamentos da Linguística I, pude ter diversas experiências em sala de aula, experiências como a descoberta dos signos linguísticos, como atividades que mostraram a disciplina de maneira mais profunda, que me fizeram cada vez mais me aplicar nela, vendo e fazendo atividades que levavam os alunos a pensar e levar essa reflexão da sala de aula.

Em Fundamentos da Linguística II, pude ter a continuação do conhecimento de grandes possibilidades, pois pude conhecer mais ainda a linguagem em aspectos que eu ainda não havia estudado, o que só fez o componente continuar com mais descobertas. Assim como foi em Fundamentos da Linguística I, onde acabei me identificando com a disciplina no primeiro dia de aula e levando a certeza de que, de fato, a Linguística não é só passível de ser aprendida, como ensinada.

Em Fonética e Fonologia encontrei uma área desafiante, mas mesmo com o percurso para aprender, era enriquecedor e de grande valor, porque pude compreender muitas coisas e estudar outras também como o estudo dos fonemas. Eram aulas repletas de saber e que, não havia necessidade de muitos aparatos para se tornarem interessantes, pois as aulas por si só, já despertavam interesse. Toda a disciplina e ensino só contribuíram para o que eu sei e o que aprendo até hoje, pois os conteúdos só ajudaram no meu ganho de conhecimento.

Análise do Discurso, componente que também faz parte da minha grade, também me chamou muita atenção pela forma com a qual o diálogo era tomado, a forma com a qual as descobertas aconteciam e as análises feitas, só me fizeram ser melhor na elaboração de uma análise posterior, pois a disciplina me preparou para o futuro. Entendi que existe o mundo ideal e o mundo real e pude ter mais descobertas que me levaram a entender melhor a forma de discurso, o que só me levou a aprimorar meus trabalhos e me sentir livre para produzi-los.

Como defende Bakhtin (2003), o discurso é sempre um ato dialógico, um encontro entre vozes que se respondem, se completo e se transforma mutuamente. Ao compreender isso, percebi que toda leitura e toda fala são espaços de diálogo, e que ensinar também é dialogar. Essa compreensão me levou a ver que existe um mundo ideal e um mundo real, e que o discurso é o elo entre ambos, revelando nossas experiências e nossa forma de estar no mundo. Inspirada por essa perspectiva, pude aprimorar meus trabalhos e me sentir mais livre para produzir meus próprios textos e reflexões, reconhecendo-me como parte ativa do processo de aprendizagem. “Aprender não é acumular informações; é experienciar, sentir e refletir sobre o que se aprende, reconhecendo a singularidade de cada vivência” (Larrosa, 2014, p. 23.) Sempre nessa perspectiva que me motivo a continuar.

4. A VIDA COMO NARRATIVA FORMADORA: ENTRE EXPERIÊNCIA, DIÁLOGO E RESISTÊNCIA

Nesta seção, busco refletir sobre minha trajetória pessoal, formativa e docente a partir de autores que me ajudam a pensar as categorias de experiência, diálogo, resistência, amor e saberes da docência. Apoio-me em Jorge Larrosa (2002), Mikhail Bakhtin (2003), Boaventura de Sousa Santos (2010), Paulo Freire (1996) e Maurice Tardif (2002), porque acredito que suas ideias permitem compreender a docência não apenas como profissão, mas como um modo de existir, sentir e aprender com o mundo. Esses referenciais me ajudam a olhar para minha história não de fora, mas a partir de dentro dela como quem lê e escreve o próprio caminho.

Ao olhar para minha trajetória, percebo que ser professora não foi apenas uma escolha profissional, mas o resultado de um percurso de vida marcado por experiências, encontros e resistências. Como diz Larrosa (2002), a experiência é aquilo que nos acontece e nos transforma e, nesse sentido, cada viagem que fiz de Porto de Pedras a Maceió, cada aula que vivi no IFAL e cada desafio que enfrentei em sala de aula compuseram uma verdadeira pedagogia da experiência. Aprender, para mim, sempre foi mais do que acumular conteúdos: foi me tornar sujeito das minhas próprias descobertas.

A docência, no meu caso, nunca se reduziu a uma profissão; ela se tornou uma forma de vida atravessada pela escuta, pelo sensível e pela capacidade de ser afetada pelo outro.

Com o tempo, compreendi, à luz de Bakhtin (1997), que a minha formação docente se construiu no diálogo com os outros, meus professores, colegas e alunos. Foi nesse entrelaçamento de vozes que passei a me reconhecer como professora. O meu discurso, como diria Bakhtin, é polifônico: ele carrega a voz da aluna dedicada que sempre fui, mas também a da professora que luta pelos seus alunos e que aprende todos os dias com eles. A docência, para mim, é um ato de linguagem; é colocar-me em diálogo com o mundo, tentando compreender o outro e a mim mesma no processo.

Também reconheço, ao pensar com Boaventura de Sousa Santos (2007), que a minha história faz parte de uma epistemologia do Sul, um saber que nasce das margens e das resistências, que tem cunho histórico e que se trata de lidar com diferentes formas de conhecimento de forma igualitária. Sou uma mulher do interior de Alagoas que enfrentou distâncias geográficas e simbólicas para afirmar-se como sujeito de conhecimento. Acredito que existem muitas formas de produzir ciência e pedagogia e que o meu saber vem das vivências, das estradas, dos alunos e das escolas por onde passei. Essa consciência me faz ver que a minha trajetória é também uma forma de resistência à desvalorização docente e à ideia de que apenas certos lugares ou pessoas detêm o saber.

Inspirada em Paulo Freire (1996), aprendi que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para que o outro o produza. Trago comigo a certeza de que a docência é uma prática de amor e de liberdade.

Sempre acreditei que meus alunos já são capazes, mas precisam apenas de alguém que os ajude a acreditar nisso também. Assim como Freire afirma que “me movo como educador porque me movo como gente”, sinto que minha caminhada como professora é movida pelo afeto, pela empatia e pela esperança.

Por fim, compreendo, a partir de Tardif (2002), que muito do que sei aprendi com a própria prática. Os saberes da experiência que construí ao longo do tempo são tão importantes quanto os saberes teóricos da formação acadêmica.

Cada aluno, cada escola e cada desafio vivido contribuíram para que eu me tornasse a professora que sou. Meu conhecimento é vivo, plural e relacional, porque nasce da reflexão sobre o vivido e da troca com os outros.

Por isso, vejo minha vida e minha trajetória como uma narrativa em construção, um texto em movimento que une o biográfico e o pedagógico. Ser professora, para mim, é resistir e reexistir todos os dias. É dialogar, acolher, aprender e ensinar. É um jeito singular e comprometido de olhar o mundo e de acreditar que a educação pode, sim, transformá-lo pela palavra e pelo encontro humano.

5. O ENSINAR E APRENDER: PERCEPÇÕES DA MINHA ATUAÇÃO DOCENTE

Nesta seção, trago percepções que tive durante o meu percurso como professora, como pude entender que ser professor é um ato de resistência e resiliência. Trago um relato de experiência acerca da minha participação na escola e de como pude enxergar melhor o ser docente e agir com cada discente, além da minha atuação como professora de Língua Portuguesa.

Durante minha trajetória como professora de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II, pude compreender que ser docente vai muito além da paixão pelo ensino é um ato de resistência, empatia e compromisso ético. Ser professora é enxergar o aluno em sua totalidade, reconhecendo suas histórias, realidades e necessidades, e construir com ele um caminho de aprendizagem significativo.

Durante a minha atuação como professora de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II, pude perceber que existem muitas realidades diferentes, histórias diferentes e necessidades diferentes, e durante meu período de ensino fiz com que todos os alunos se sentissem iguais através do próprio diálogo e das atividades, escutei muitas histórias e pude construir laços que não desfiz após o fim do ciclo na escola. “Me movo como educador porque primeiro me movo como gente.” (FREIRE, p.49, 1996)

Por conta disso, vi a sala de aula com outros olhos e pude entender que o ambiente escolar também pode ser o futuro, que ser professor não é o impossível nem a pior profissão, é só o começo de um grande aprendizado. Com o tempo que tive em sala de aula, percebi respeito da parte de muitos alunos e situações desrespeitosas também, e consegui, não contornar, mas construir amizades e ver transformação em quem mais me desrespeitava.

Antigamente, tinha uma perspectiva totalmente diferente da educação, mas entendi que a sala de aula não é o fim, mas sim o início de uma grande trajetória, percebi que era possível entender, corrigir e ver a evolução de cada aluno, pois cada passo era extremamente relevante para cada um e, como professora, para mim também. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular:

A contextualização é uma tarefa imprescindível para o conhecimento histórico. Com base em níveis variados de exigência, das operações mais simples às mais elaboradas, os alunos devem ser instigados a aprender a contextualizar. (Brasil, 2018, p. 399)

Os obstáculos dentro de sala de aula não estavam latentes, o que não foi visto como uma dificuldade, mas sim como uma ajuda, pois entender cada dificuldade que era proporcionada, me ajudou a colaborar com a transformação das salas de aula, então, não foi impossível trabalhá-los e construir uma identidade profissional, e uma relação válida com cada aluno, todavia, os percursos não podiam ser rompidos de qualquer forma, pois se tratavam de pré-adolescentes e adolescentes do 6º ao 9º ano, que, em certos casos estavam, muitas vezes, descobrindo que podiam aprender e que não era impossível ter um vínculo maior com a Língua Portuguesa. “Encarregada pela sociedade de algumas orientações muito gerais que são as finalidades do ensino, a escola recebe em troca carta branca para definir as modalidades desse ensino.” (CHERVEL, 1990, p.20)

Em minha prática pedagógica, busquei promover o diálogo e a escuta ativa, criando um ambiente em que cada estudante se sentisse acolhido e valorizado. Ouvir suas histórias, desafios e sonhos permitiu que o processo de ensino-aprendizagem se tornasse mais humano e colaborativo. Desse modo, sempre mantive o diálogo aberto com meus alunos e estive disponível para atendê-los, mesmo diante das dificuldades que surgiam.

Ainda assim, insisti em promover o aprendizado por meio de textos produzidos por eles próprios, dedicando-me a corrigir cada detalhe, palavra por palavra, para que compreendessem, aprimorassem a escrita e avançassem em seu processo de aprendizagem.

Nenhuma aula era a mesma, pois, através da didática, tentava dinamizar e mostrar que é possível aprender o que estava sendo estudado sem complexidades, sempre explicava o necessário para que eles chegassem a um entendimento, pensassem e levassem em consideração cada área da disciplina estudada.

O ato pedagógico é, também, um ato político. É nessa condição que cabe ao professor assumir a direção do processo, deslocando-se o eixo da questão pedagógica do interior das relações entre professores, métodos e alunos para a prática social, recuperando-se a criatividade de professores e alunos: Em função de um 'produto' a ser alcançado, livre e conscientemente escolhido por 'produtores associados', estabelecem-se os métodos e os processos. (SAVIANI, p. 414, 2007)

Através disso, percebi que não é impossível colaborar e receber colaboração, que por mais cheia de degraus que seja a vida docente, é possível atuar na vida de cada aluno, independentemente das suas diferenças e semelhanças, e que é devido também observar a vida do aluno, pois para eles também não é simples, mas embora, muitas vezes, difícil, é uma jornada estudantil plausível quando se há aprendizado e respeito.

Por vezes, o ambiente escolar é observado como algo que vai além de um desafio, algo um tanto quanto assustador e as boas relações que temos em sala são apagadas por quem não conhece ou não se permite conhecer o ambiente do outro lado, e conhecer o outro lado é realmente desafiante, mas é libertador.

Com toda experiência que pude adquirir, pude entender que há momentos em que, temos que agir com certa firmeza, mas compreender que através de um diálogo sério, os alunos podem ter uma visão diferenciada de como é a realidade e cooperar com o professor. Pude propor atividades para eles que envolviam gramática, leitura e produção de textos.

Com isso, não é possível dizer que ao ensinar obtive uma realidade perfeita, mas pude perceber que era possível transformar essa realidade, em aulas dialogais e com um discurso respeitoso e tendo um contato igualitário com os meus alunos, o que só me levou, não só a me sentir inclusa na realidade estudantil deles, mas me tornar uma profissional melhor.

Foi, efetivamente, dentro da história da escola como realidade social e material, como cultura específica, que a questão do espaço e do tempo escolares adquiriu importância nos últimos anos. (FRAGO, p. 13, 1998)

As instituições são, portanto, necessariamente sociais, tanto na origem, já que determinadas pelas necessidades postas pelas relações entre os homens, como no seu próprio funcionamento, uma vez que se constituem como um conjunto de agentes que travam relações entre si e com a sociedade a que servem. (SAVIANI, p. 28, 2005)

Estes trechos acima destacam que a escola é uma construção social e histórica, resultado das relações humanas e das necessidades coletivas de cada época. Para Frago (1998), o espaço e o tempo escolares, isto é, a organização física e temporal da escola refletem valores culturais e transformações sociais. Já Saviani (2005) ressalta que as instituições educacionais existem e funcionam dentro da sociedade, influenciando e sendo influenciadas por ela, pois envolvem pessoas, funções e relações que expressam o modo como a educação atende às demandas sociais.

6. DESAFIOS E APRENDIZADOS NA DOCÊNCIA: É PRECISO ESPERANÇAR

Nesta seção, tenho como objetivo refletir, a partir das minhas leituras e experiências, sobre os desafios enfrentados pelos professores no exercício da docência, destacando as dificuldades estruturais e emocionais presentes na profissão, mas também a capacidade de resistência, reinvenção e esperança que caracteriza o educador.

A partir das ideias de Paulo Freire (1996), busca-se compreender que ensinar é um ato de coragem, e que, mesmo diante das adversidades, o professor continua sendo um agente de transformar e de esperar aquele que, apesar do cansaço e das limitações, acredita no poder libertador da educação.

A docência é uma caminhada permeada por descobertas, alegrias e desafios que testam a fé e a persistência de quem ensina. Em meio às indagações e às frustrações que atravessam o cotidiano escolar, é preciso resgatar a indagação inicial: como o professor pode continuar esperando, mesmo quando a realidade educacional parece tão adversa?

Mais do que um sentimento de “fracasso”, o que muitos docentes vivenciam é um processo de desmotivação e desgaste, que não nasce da falta de compromisso, mas das condições precárias em que o ensino muitas vezes ocorre. Baixos salários, desrespeito, desvalorização e falta de reconhecimento são marcas históricas da profissão docente, que, mesmo assim, continua a resistir.

Em diálogo, alguns colegas que já atuam como professores cogitaram em desistir da carreira por questões de condições de trabalho, a falta de motivação e, principalmente, questões mais profundas ainda que o afastem do âmbito profissional.

Para quem não compreende, um docente sempre deve estar pronto, disposto a escutar e estudar casos, que, muitas vezes nem pertencem à escola, mas, em certas situações, quando necessita, não obtém a chance de ser escutado, falar sobre seus desafios, suas frustrações, decepções e o porquê de suas decepções.

Vale ressaltar que o respeito faz uma certa mudança, não só no ambiente, como o modo que o aluno vai absorver o conteúdo e como o professor vai se sentir valorizado. Nesse sentido, como lembra Paulo Freire (1996, p. 66), “é preciso ter esperança do verbo esperar, porque há quem tenha esperança do verbo esperar”. O verbo esperar significa agir, lutar, transformar e continuar acreditando, mesmo em meio às dificuldades. É esse movimento de resistência e reinvenção que sustenta o professor, que, apesar das adversidades, segue acreditando na potência de cada aluno e na força da educação.

A educação não está só presente e atualmente livre para todos, mas para motivar todos, sejam crianças, jovens, adultos e idosos, porém, infelizmente ainda existe uma barreira extensa, uma parede entre a certeza da busca pelo aprendizado e a dúvida de poder ser tarde demais para estudar.

A marginalização educacional foi uma constante em nossa história; os grupos menos favorecidos economicamente, em todas as épocas, receberam uma educação diferenciada, oscilando do abandono à própria sorte, à preparação para o trabalho, sem perspectivas para continuar os estudos no ensino superior. (FILHO, p. 66, 2001)

A realidade mostra e relata de forma imagética e verbal a luta dos professores, não só por um emprego, mas para trazer sucesso para uma turma, sucesso esse que não é nem para si, mas para os discentes.

As metas de um futuro melhor para um profissional são infundas, eles projetam um futuro, mas às vezes, parece que estão regredindo e isso causa decepção, e é daí que vêm o fracasso, o cansaço, a incerteza, a dúvida que podem culminar em um abandono.

Todo profissional capacitado, e em processo de crescimento busca algo além de suas próprias capacitações, busca mostrar aos seus alunos que eles também são capazes.

É nesse período de luta até consigo mesmo que os profissionais passam a desistir de si para investir nos alunos, pois, não só o desrespeito, mas a evasão é muito grande, e para quem se encontra nas salas de aula e trabalha com afinco naquilo que deseja, é estafante e decepcionante não só ver alunos indo embora como a desvalorização que o professor sofre.

O fracasso docente acontece, não só por desgaste, mas por decepção, por ter um olhar profissional, além disso humano para tratar de conflitos e pessoas e muitas vezes não ser tratado como tal, é isso que leva o professor a, em certos momentos, ver o respeito em outras profissões, e mesmo com todos os seus ideais, se vê distante da docência. “Em verdade, instaurada uma situação de violência, de opressão, ela gera toda uma forma de ser e comportar-se nos que estão envolvidos nela.” (FREIRE, p. 47, 1968)

Entender que o educador não é o culpado e que a classe dos educadores deveria investir mais neles, é sim, uma clareza de visão, pois eles que lutam pelos próprios ideais.

7. UM OLHAR PARA A VIDA E A EDUCAÇÃO: EXPERIÊNCIA E ESPERANÇA

Nesta seção, trago, não só a minha experiência e como ela me enriqueceu, como falo da forma de olhar para a vida me lembrar da educação, falo acerca de como transformei todos os obstáculos em degraus e sobre cada etapa da vida educacional, trazendo a ideia de como é superar, resistir e enxergar por outro ângulo.

Olhar para a educação, para mim, é olhar para a própria vida. É enxergar tudo o que vivi, o que aprendi e o que ainda quero transformar. Educar é mais do que ensinar conteúdos: é viver experiências, sentir, errar, recomeçar e, principalmente, acreditar. Entendo que preparar o terreno da educação é preparar o terreno da própria existência, porque ensinar é um ato de vida. Cada sala de aula que vivi foi um universo de histórias, encontros e descobertas, onde aprendi tanto quanto ensinei.

Acredito que a educação é um dos caminhos mais nobres que alguém pode trilhar. É por meio dela que nos tornamos mais humanos, sensíveis e conscientes das realidades que nos cercam. Ser professora, para mim, é uma travessia que exige coragem, empatia e amor. Como diz Paulo Freire (1996), “ensinar exige a corporeificação das palavras pelo exemplo”, e eu aprendi que o educador ensina também com sua postura, com o jeito de olhar e com a forma como se coloca no mundo.

Daí que a educação é um dos mais elevados caminhos, que levam alunos a conhecerem e reconhecerem seus futuros, a ter resposta para suas dúvidas e a entender que a igualdade na vida não só do aluno como aluno, mas como ser humano é crucial, criando uma consciência e a partir de então, uma certeza de que é possível pensar no outro e no professor.

Durante minha trajetória, percebi que a educação e a vida se entrelaçam. Cada experiência que vivi dentro e fora da escola e do IFAL fez parte da minha formação como professora e como pessoa. A escola é um reflexo da vida social, um espaço onde convivem diferentes vozes, culturas e histórias. Como lembra Bakhtin (2003), todo discurso é um diálogo, e, é nesse diálogo que me reconheço como educadora, porque aprendo, ensino e me transformo no encontro com os outros.

Com o tempo, percebi que educar também é resistir, é permanecer firme mesmo diante da falta de reconhecimento, das dificuldades e das frustrações. Mas educar é, acima de tudo, esperar, esse verbo que Paulo Freire (1996) diz ser movimento e ação, não apenas espera. Eu sigo esperando todos os dias, acreditando que a educação transforma e que, por meio dela, posso tocar vidas e ser tocada.

A educação, apesar de ser singular é pluralizada, porque são vários pensamentos, várias ações e vários docentes interagindo com alunos que precisam de conhecimento.

Provocar a reconstrução crítica do pensamento e da ação nos alunos/as exige uma escola e uma aula onde se possa experimentar e viver a comparação aberta de pareceres e a participação real de todos na determinação efetiva das formas de viver, das normas e padrões que governam a conduta, assim como das relações do grupo da aula e da coletividade escolar. (Sacristan, 1992, p.26)

Tenho consciência de que a é preciso pensar em uma educação que possibilite aliar a prática à teoria, pois são indissociáveis, um complementa o outro e ambos fazem a diferença na sala de aula, e na escola em si.

Ser professora me ensinou que as maiores vitórias são, muitas vezes, silenciosas: um aluno que melhora sua escrita, outro que volta a acreditar em si, um sorriso em meio a uma explicação difícil. Essas pequenas conquistas me lembram todos os dias por que escolhi esse caminho.

Como dito em outro momento, trago novamente Larrosa (2002), para relatar que a experiência é aquilo que nos acontece e nos transforma, e cada aula, cada conversa e cada desafio me transformaram profundamente.

Olhar para a educação é, portanto, olhar para mim mesma. É reconhecer que cada passo dado na docência faz parte da minha história de vida. A educação me moldou, me fez mais paciente, mais humana e mais consciente do meu papel no mundo. Aprendi que, mesmo com todos os obstáculos, ensinar é uma das formas mais bonitas de viver porque, através da educação, eu também me reinvento e renasço a cada dia.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao escrever este relato, percebi que contar minha trajetória é mais do que narrar um percurso acadêmico é falar sobre quem eu sou e sobre o que a educação representa na minha vida. *“Minha vida de professora”* não é apenas um título, mas um modo de existir. Ser professora é viver entre o ensinar e o aprender, entre o sentir e o refletir, entre o resistir e o esperar.

Durante minha formação no Instituto Federal de Alagoas (Ifal), descobri que a docência vai muito além da sala de aula. Ela se estende para todos os espaços da vida, porque o professor aprende o tempo inteiro. Como afirma Tardif (2002), os saberes docentes se constroem no cotidiano, nas experiências vividas, nas reflexões e nas relações com os alunos. Em cada desafio que enfrentei, nas viagens longas, nas aulas difíceis, nas dúvidas e nas vitórias fui me formando como educadora e como ser humano.

Percebo hoje que a formação docente é contínua. Eu me refaço a cada nova experiência, a cada turma e a cada desafio. Ser professora é um processo de vida, é estar aberta a aprender sempre. Como diz Bakhtin (2003), o diálogo é o que nos constitui, e eu me reconheço nesse movimento constante de ouvir e ser ouvida, ensinar e aprender.

Tento encerrar este trabalho com a certeza de que a educação é um ato de amor (no sentido forte da palavra) e de vida. Ser professora é a maneira que encontrei de transformar o mundo e de transformar a mim mesma. Cada aluno que passou por mim deixou um pedacinho de sua história, e eu deixei um pouco da minha também. Acredito que é nesse encontro, entre o ensinar e o viver, que a verdadeira educação acontece.

“Minha vida de professora” é feita de esperança, de aprendizado e de amor. É o meu jeito de olhar a educação e de seguir acreditando que vale a pena ser educadora. Continuarei esperando, como ensina Freire, porque acredito que cada aula é uma semente lançada no coração de alguém. E enquanto houver educação, haverá futuro e haverá vida.

O trabalho foi feito com muito esforço e possibilitou a retenção de muitos aprendizados e compreensão. O processo foi para além de uma pesquisa, que só me levou a entender que, mesmo após a faculdade, levarei sempre comigo.

Relatar a minha experiência só me fez compreender mais ainda o que uma professora e uma futura professora carregam, que são aprendizados, e uma construção de identidade profissional.

O relato me proporcionou uma grande experiência, porque pude explorar minha essência de professora e de futura agente da educação. A partir de então, pude entender que os professores não são só essenciais em uma escola junto com os alunos e toda equipe, mas parte crucial da docência. Com isso, pude ter novas descobertas ao fazer o artigo e só entender mais ainda que há um futuro cheio de experiências para explorar, que haverá muitas histórias para contar e serem ouvidas, que haverá uma construção de compreensão e uma trajetória a ser vivida, formando alunos e, muitas vezes, entender que, apesar de capacitado, o professor também é formado todos os dias.

Ser professor é agir pelo outro independentemente da situação, é ser pai e mãe quando necessário e estender a mão não só para alunos como somente alunos, mas sim como seres humanos que precisam uns dos outros, é proteger cada aluno e ao mesmo tempo alertar sobre o futuro, é corrigir provas durante a semana e se encontrar em cada acerto, como se, de fato, não só o conteúdo, mas o aprendizado dando mais frutos na educação e na vida de cada aluno.

Além disso, ser professor é estar de coração aberto, não só quando as situações se apresentam necessárias, mas mantê-lo aberto todos os dias, para compreender, para aconselhar, para motivar, preparar e ensinar, afinal de contas, a educação é isso: é se dispor até nos dias mais difíceis, deixar os problemas para depois e se dedicar inteiramente ao aluno.

Portanto, ser professor é saber que a educação pode até ser desafiante, mas que é uma descoberta honrosa, porque vale a pena vencer os desafios pelos seus alunos, vale a pena prosseguir e entender que educação e humanidade andam juntas, porque não há como ser educador sem ser humano.

9. REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

BRASIL. (2018). **Base Nacional Comum Curricular**. 2. Ed. Brasília: MEC.

CHERVEL, A. **História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa**. Teoria & Educação. Porto Alegre, n.5, p. 28-48, 1992.

FRANCISCO FILHO, G. **A educação brasileira no contexto histórico**. Campinas, SP: Alínea, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 67. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

———. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, 1996.

———. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, 1976.

FORQUIN, J. C. **Saberes escolares, imperativos dinâmicos e dinâmicos sociais**. Teoria & educação. Porto Alegre, n.5, p. 28-48, 1992.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Revista Brasileira de Educação, n. 19, p. 20–28, jan./abr. 2002.

SACRISTÁN, J. G. **Compreender e transformar o ensino**. Trad. Ernani F. da Fonseca Rosa – 4. Ed. ArtMed, 1998.

SAVIANI, D. **Instituições escolares: conceito, história, historiografia e práticas**. Cadernos de História da Educação. Uberlândia, n.4, p. 27-33, 2005.

———. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

VIÑAO FRAGO, A. **Currículo, espaço e subjetividade:** a arquitetura como programa/ AntonioViñao Frago e Augustin Escolano: [tradução: Alfredo Veiga Neto]. 2ª edição – Rio de Janeiro: DP&A, 2001.